

*Nações e diásporas*



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO  
JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN  
MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO  
SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

ORGANIZAÇÃO  
*Bela Feldman-Bianco*

*Nações e diásporas*  
ESTUDOS COMPARATIVOS  
ENTRE BRASIL E PORTUGAL

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

N119 Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal / organizadora: Bela Feldman-Bianco. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Portugueses – Brasil – História. 2. Brasileiros – Portugal – História. 3. Pós-colonialismo – História. 4. Globalização. I. Feldman-Bianco, Bela. II. Título.

CDD 325.24690981

325.28109469

325.3

301.24

ISBN 978-85-268-0888-1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Portugueses – Brasil – História	325.24690981
2. Brasileiros – Portugal – História	325.28109469
3. Pós-colonialismo	325.3
4. Globalização	301.24

Copyright © by Bela Feldman-Bianco  
Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp  
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp  
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil  
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728  
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*A Ana Maria Galano (1943-2002) e Alexandre  
Antunes Pereira (1928-2009), in memoriam.*



# Agradecimentos

Esta publicação é resultado de pesquisas e interlocuções desenvolvidas no âmbito da linha Nação e Diáspora do Cemi — Centro de Estudos de Migrações Internacionais —, ligado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Soma-se assim a uma série de monografias de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, números de revistas<sup>1</sup> e livros<sup>2</sup>, capítulos de livros e artigos em periódicos realizados no contexto do programa de pesquisas Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política, coordenado por Bela Feldman-Bianco e financiado pelo Programa de Auxílio aos Núcleos de Excelência (Pronex/CNPq). Vários desses estudos de caso também contaram com verbas concedidas pela Fapesp, Capes e pelo CNPq.

Vários dos ensaios desta coletânea se beneficiaram da colaboração dada às suas pesquisas pela Casa de Portugal de São Paulo, Consulado de Portugal em São Paulo, Centro Cultural 25 de Abril de São Paulo, Casa do Brasil de Lisboa, Associação Olho Vivo e SOS Racismo, ambos de Lisboa.

<sup>1</sup> Como, por exemplo, Mary G. Castro, “Dossiê identidades, alteridades, latinidades”, *Caderno CRH*, nº 32. Salvador: UFBA, jan.-jun., 2000; Eneida L. Cunha, “Dossiê nação e identidades”, *Caderno CRH*, nº 33. Salvador: UFBA, 2000; Bela Feldman-Bianco (org.), “Colonialism as a Continuing Project: the Portuguese Experience”, *Identities: Global Studies in Culture and Power*, vol. 8, nº 4. Harwood Academic Publishers, dez., 2001; e Igor J. de R. Machado, “Dossiê Brasil-Portugal: discursos nacionalistas e suas conseqüências”, *Revista Temáticas*, nº 10 (19/20). Campinas: IFCH-Unicamp, jan.-dez., 2002-2003.

<sup>2</sup> Bela Feldman-Bianco e Graça Capinha (orgs.), *Identidades: estudos de cultura e poder*. São Paulo: Hucitec, 2000; Bela Feldman-Bianco, Cristiana Bastos e Miguel Vale de Almeida (orgs.), *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: ICS — Imprensa de Ciências Sociais, 2002 (edição brasileira publicada pela Editora da Unicamp em 2007); Igor J. de R. Machado, *Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal*. São Carlos: EdUFSCar, 2006; idem, *Cárcere público. Processos de exotização entre brasileiros no Porto*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009; e Douglas Mansur da Silva, *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro (1956-1974)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2006.

Também se beneficiaram de mesas-redondas e simpósios especiais realizadas no Cemi, em reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e Congressos Luso-Afro-Brasileiros. Interloquções também foram realizadas no âmbito do convênio de cooperação científica Circulação Transnacional, Fronteiras e Identidades (Capes-Grices), coordenado por Bela Feldman-Bianco e Cristiana Bastos (ICS-Universidade de Lisboa).

Este é um trabalho de equipe, mas, na revisão final dos textos, a colaboração de Igor José de Renó Machado foi fundamental.

O livro é dedicado à memória de dois importantes interlocutores, Ana Maria Galano e Alexandre Antunes Pereira. Ana Maria e Alexandre provavelmente nunca se encontraram, mas as trajetórias de vida de ambos se entrelaçam pelo exílio político, pelo humanismo e pela luta incessante contra estados de exceção, seja no cenário brasileiro ou português.

Ana Maria Galano, nossa precursora no estudo de questões luso-brasileiras, realizou, durante o seu exílio político na Europa, tese de doutoramento em sociologia sobre as transformações das estruturas agrárias e as modalidades de participação de diferentes setores do campesinato naquele processo no pós-25 de Abril, defendida na Universidade de Paris X-Nanterre. Suas publicações, inter-relacionando sociologia, literatura, cinema e fotografia, se destacam por um grande humanismo. Como pesquisadora associada do Cemi, teve uma atuação importante nas discussões realizadas no âmbito da linha Nação e Diáspora, contribuindo com o seu humanismo e erudição na formação de nossos alunos-pesquisadores.

Alexandre Antunes Pereira combateu incessantemente o salazarismo e o colonialismo de seu exílio político no Brasil. A saga de sua trajetória de vida foi registrada por Douglas Mansur da Silva em sua monografia de graduação, intitulada “Memórias e itinerários de Pereira: narrativas contextuais de um migrante português anti-salazarista e anticolonialista”, defendida ainda em 1998 no Programa de Graduação em Ciências Sociais da Unicamp. Foi membro da equipe de redação do jornal *Portugal Democrático* (1956-1975) e membro do Centro Cultural 25 de Abril de São Paulo desde a sua fundação em 1982. Por muitos anos, esteve à frente da Livraria Portugal. Figura fascinante, cativou nossos alunos-pesquisadores desde as suas primeiras incursões em 1997. Ao lhes abrir as portas de seu mundo luso-brasileiro e apoiar seus estudos de caso, também contribuiu para a formação desses pesquisadores com uma grande dose de humanismo.

Nossa gratidão a Ana Maria Galano e Alexandre Antunes Pereira.

# Sumário

<i>Prefácio: Brasil e Portugal</i> , por Gilberto Velho .....	11
<i>Apresentação</i> , por Bela Feldman-Bianco .....	13
<i>Portugueses do Brasil e portugueses no Brasil: “laços de irmandade” e conflitos identitários em dois atos (1822 e 1890)</i> , por Gladys Sabina Ribeiro .....	27
<i>Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: construções do “mesmo” e do “outro”</i> , por Bela Feldman-Bianco.....	57
<i>O exílio e a memória da “resistência”: antissalazaristas do Portugal Democrático</i> , por Douglas Mansur da Silva.....	107
<i>Afirmar Portugal em São Paulo: identidade, história e política num enredo luso-brasileiro</i> , por Eduardo Caetano da Silva .....	137
<i>A construção da lusofonia no Portugal pós-colonial: estratégias das associações de imigrantes de Lisboa</i> , por Gustavo Adolfo P. Daltro Santos.....	189
<i>Imigração brasileira no Porto, Portugal: apontamentos para uma etnografia do jogo da centralidade e dos circuitos de reciprocidade</i> , por Igor José de Renó Machado.....	223
<i>Comemorações dos descobrimentos: reconfigurações contemporâneas da nacionalidade no Brasil e em Portugal</i> , por Eneida Leal Cunha .....	257
<i>Redescobrimdo com olhos de Zumbi: o afro nas comemorações portuguesas dos 500 anos do Brasil</i> , por Jesiel Ferreira de Oliveira Filho .....	277



*Prefácio*  
*Brasil e Portugal*

Nos últimos anos, vem crescendo o intercâmbio científico-acadêmico entre Brasil e Portugal. Aumentou muito o número de pesquisadores que se deslocam entre os dois países, em busca dos mais variados objetos de pesquisa.

Bela Feldman-Bianco, certamente, é uma das profissionais que há mais tempo se dedica à investigação sobre a sociedade e a diáspora portuguesas. Assim, realizou trabalhos importantes em vários pontos do mundo, por onde passaram ou se estabeleceram lusitanos e seus descendentes. No caso das relações luso-brasileiras, uma das características marcantes de sua perspectiva é a preocupação em criticar estereótipos, buscando compreender as dimensões complexas das interdependências históricas e as relações político-culturais entre as duas sociedades. Sem dúvida, a temática mais ampla das identidades está presente neste livro, produto de diversas pesquisas e reuniões de trabalho que, em diversos momentos, foram realizados dentro do espírito de abrir temáticas, ampliar questões e levantar hipóteses que permitam desdobramentos produtivos nesse tão rico território de pesquisa.

Há vários momentos significativos nas relações entre Brasil e Portugal depois da Independência em 1822. O fenômeno da imigração portuguesa ainda é insuficientemente estudado e encontramos, entre os capítulos aqui apresentados, contribuições significativas que diminuem de modo significativo essa lacuna. Por outro lado, embora a ida de brasileiros para Portugal não seja um acontecimento novo, certamente, mudou de escala e qualidade nas últimas décadas. A possibilidade de estudar diferentes categorias de

brasileiros, desde profissionais liberais altamente qualificados até membros de camadas populares, em diferentes tipos de interação e inserção na sociedade portuguesa constitui-se num dos desafios enfrentados por esta obra. Há que ressaltar, também, a especificidade da dimensão política com a problemática do exílio, vivenciado a partir da instalação de regimes autoritários nos dois países. Temos oportunidade de perceber como essa vivência de exilado apresenta diversos matizes e aspectos variados e contraditórios. Sem dúvida, um dos pontos mais interessantes é analisar a ambiguidade nas relações luso-brasileiras, que é uma de suas marcas características. Assim, os autores aqui reunidos trazem-nos dados e reflexões históricas e antropológicas que vão muito além de uma visão convencional do que seja esse complexo de relações, apontando novos caminhos e identificando fatos e processos relevantes.

Mais recentemente, a chamada globalização, com todas as implicações e maior facilidade de deslocamento e comunicação, introduz um ritmo e uma intensidade diferentes da época das viagens de navio e trocas de cartas dos pais e avós das novas gerações. Por exemplo, as viagens aéreas barateadas e a Internet produziram consequências que necessitam, ainda, de dimensionamento mais completo. Cabe registrar que essas pesquisas não estudam de modo isolado a relação entre brasileiros e portugueses, mas procuram situá-la no quadro mais geral das sociedades por onde transitam. Assim, têm consequências relevantes para o estudo de transformações e novas versões de cidadania na sociedade moderno-contemporânea. Nesse sentido, esse conjunto de trabalhos se constitui, também, em importante contribuição para o estudo das sociedades complexas moderno-contemporâneas.

*Gilberto Velho*

Professor titular e decano do Departamento  
de Antropologia do Museu Nacional, UFRJ

# Apresentação

BELA FELDMAN-BIANCO

A intensificação de diálogos luso-brasileiros no decorrer das últimas décadas resultou no lançamento de inúmeras coedições sobre problemáticas comuns ao Brasil e Portugal, seja no campo das ciências sociais, da literatura ou da história<sup>1</sup>. Também, sob a égide das celebrações das assim chamadas “descobertas” portuguesas e dos “500 anos do Brasil”, houve uma proliferação de publicações sobre os feitos marítimos lusos<sup>2</sup>. Além do mais, se desde a década de 1980 uma nova geração de historiadores sociais se tem empenhado em revisar a historiografia colonial brasileira, novas efemérides, como as comemorações que marcaram em 2008 os 200 anos da vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro, estimularam novas reavaliações sobre a estada de dom João VI no Brasil<sup>3</sup>. Nota-se, entretanto, uma ausência quase total de reflexões críticas sobre as relações entre Brasil e Portugal após a Revolução dos Cravos e os processos quase concomitantes de descolonização e ingresso da ex-metrópole imperial no bloco econômico europeu<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Ver, por exemplo, Vieira (1991), Galano e Capinha (1996), Arruda e Tengarrinha (1999), Abdalla Junior (2009), Velho (1999), Scherer-Warren e Ferreira (2002), Feldman-Bianco e Capinha (2002), Szesz et al. (2003), Machado (2006), Caetano da Silva e Mello (2009).

<sup>2</sup> Ver especialmente as publicações no âmbito da Comissão dos Descobrimentos Portugueses.

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, Alexandre (1979, 1993, 2000, 2006, 2008), Novais e Mota (1996), Fragoso (1998), Schwarcz (1998), Slenes (1999), Alencastro (2000), Fragoso e Florentino (2001), Ribeiro (2002), Thomaz (2002), Silva (2006), Carvalho (2007), Schwarcz (2008), entre outros.

<sup>4</sup> Sobre colonialismo e pós-colonialismo português, ver, entre outros, Almeida (2000); Feldman-Bianco (2001); Bastos, Almeida e Feldman-Bianco (2007); Santos (2002); Machado (2002-2003, 2009).

Com o intuito de começar a preencher essa lacuna, os ensaios reunidos nesta coletânea examinam as relações entre esses dois países, a partir de um foco na remodelagem de nações e formação de diásporas — sejam elas constituídas por transmigrantes brasileiros em Portugal, transmigrantes portugueses e ainda escravos africanos, libertos ou afrodescendentes no Brasil — tanto na história quanto na contemporaneidade. Dessa perspectiva, procuram discernir as complexidades subjacentes às interdependências históricas e às relações de poder entre Brasil e Portugal pós-colonial, bem como seus embates identitários, no contexto da globalização econômica contemporânea, construção da lusofonia e exacerbação de políticas de identidade.

Esses ensaios são resultados de estudos de caso comparativos realizados entre Brasil e Portugal no âmbito da linha Nação e Diáspora do programa de pesquisas Identidades: Reconfigurações de Cultura e Política, sediado no Cemi — Centro de Estudos de Migrações Internacionais — no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp e financiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência MCT–CNPq. Seus autores, com base em pesquisas de campo e/ou documentais, calcadas em interlocuções e colaborações realizadas através de seminários conjuntos, examinam uma sequência de situações liminares transcorridas entre os dois países, envolvendo populações diaspóricas, que trazem em seu bojo confrontos, disputas e acomodações ou, então, rituais comemorativos e suas contradições em diferentes períodos de tempo. A opção pela análise de conflitos e celebrações permite-lhes justapor políticas, movimentos, restrições de movimentos e eventos relacionados a essas populações para, assim, discernir as complexidades subjacentes às relações entre transnacionalismo e diásporas nos processos de redefinição nacional no cenário mais amplo da economia política global. Por meio de abordagens etno-históricas e processuais, adotam uma perspectiva que enfatiza os movimentos transnacionais — não só de pessoas, mas também de símbolos e capitais nessas travessias entre países entrelaçados por antigas e ambíguas relações coloniais, numa construção única. Tendo em vista que as interdependências entre antigas metrópoles imperiais e suas diferentes ex-colônias têm histórias, posições e relações de poder específicas, situam seus estudos de caso no âmbito do antigo espaço do império português. Buscam, assim, captar as tensões, ambivalências e contradições que permeiam as interdependências entre antiga metrópole imperial e sua ex-colônia sul-americana e que incluem

outras ex-colônias lusas e ex-sujeitos coloniais, especialmente os originários de países de expressão portuguesa da África.

Essas abordagens estão presentes tanto nos ensaios que focalizam transmigrantes portugueses no Brasil, no passado e na contemporaneidade ou nas migrações de brasileiros para Portugal pós-colonial, quanto nos que examinam as reconfigurações de nacionalidade entre Brasil e Portugal no contexto das comemorações dos descobrimentos portugueses e dos 500 anos do Brasil. Para além da especificidade de cada situação retratada, esse conjunto de estudos de caso traz à tona as recorrentes produções de continuidades imperiais e de políticas de diferença entre os dois países, bem como os interstícios da dominação, subordinação e, nesse contexto, a incorporação (parcial) ou exclusão de suas populações diaspóricas nos processos de formação e reconstrução da nação, tanto no Brasil quanto em Portugal pós-colonial. Acima de tudo, sinaliza a relevância de levar em conta não somente as rupturas e suas resultantes produções de diferenças — no mais das vezes baseadas em imagens estereotipadas calcadas em desconhecimentos mútuos —, mas também a contínua produção de semelhanças culturais e de remodelagens imperiais. Descortinam, portanto, a necessidade de se analisar como as homogeneidades e hegemonias são construídas e em que situações as populações diaspóricas subvertem, contestam ou são cooptadas por projetos hegemônicos de nação.

Vale salientar que o termo diáspora é aqui utilizado metaforicamente para descrever, de forma genérica, pertencimento e identificação além-fronteiras nacionais, independentemente da ligação ou não a Estados nacionais. Essa definição ampla permite examinar e discutir os significados e processos de relativa incorporação ou exclusão de diferentes segmentos sociais — transmigrantes, exilados, escravos negros, libertos, afrodescendentes (além dos índios que diferentemente constituem populações autóctones do Brasil) e suas relações com a imaginação e projetos de nação, tanto no Brasil quanto em Portugal pós-colonial nessa conjuntura do capitalismo global. Nesse sentido, convém notar que as análises que se seguem examinam as eventuais diferenças de mobilização entre esses diferentes segmentos sociais em situações específicas<sup>5</sup>. Além disso, a realização de pesquisas documentais e de campo em um período em que a maioria dos transmigrantes radicados em cidades portuguesas era oriunda de antigas

<sup>5</sup> Sobre diásporas, ver, entre outros, Clifford (1997) e Glick-Schiller e Fouron (2001).

colônias lusas demandou levar em consideração a existência de uma relação intrínseca entre questões sobre diásporas transmigrantes e questões relacionadas ao Império e pós-colonialismo como parte da mesma problemática sob estudo.

Dessa perspectiva, esse conjunto de ensaios situa as relações entre Brasil e Portugal, a partir da história e dos espaços do antigo Império português, marcados por mudanças de localização na economia mais ampla, no decorrer de processos de expansão do capitalismo. Sem dúvida, durante a era das grandes explorações marítimas nos séculos XV e XVI, a entrada dos portugueses no oceano Índico assinala o início de um processo de expansão, exploração, conquista e colonização do Novo Mundo, bem como a transformação de Portugal no primeiro grande império mercantil fundado no controle de rotas de comércio em seus domínios asiáticos, conhecido como Primeiro Império Português. Mas, a partir de meados do século XVI, diante da crescente competição do capitalismo comercial global, a metrópole imperial lusa volta-se ao Atlântico Sul. Nos séculos XVII e XVIII — um período que abrange o Império luso-brasileiro, ou Segundo Império Português —, os portugueses investem em sua colônia sul-americana, o Brasil, então denominada Terra de Santa Cruz, considerada “a maior criação lusa”. Ao mesmo tempo, passam a dominar o tráfico de escravos, tendo como parceiros — e competidores — mercadores do Brasil (Fragoso, 2007). Como corolário de um colonialismo baseado no escravismo, forma-se, no dizer de Alencastro (2000, p. 9), “um espaço aterritorial lusófono,” englobando “uma zona de exploração escravista situada no litoral da América do Sul e uma zona de reprodução de escravos centrada em Angola [...] que se completam num só sistema de exploração colonial”, a partir do qual emerge o Brasil do século XVIII. Refletindo uma “inversão do pacto colonial” (Novais e Mota, 1996), em inícios do século XIX, diante das guerras napoleônicas, a família real transfere-se para o Brasil. Numa conjuntura histórica marcada pela Revolução Industrial e abertura de novos mercados, Portugal torna-se cada vez mais subalterno à Inglaterra. Após a Independência do Brasil em 1822, a decadente metrópole imperial, embora mantendo as suas colônias na Ásia e África, transforma-se em exportadora de emigrantes. Entre as últimas décadas do século XIX e a descolonização, o Estado colonial português investe na exploração de seu ultramar na África, enquanto sua economia é sustentada pelas divisas auferidas pelas remessas de imigrantes. Em suma, a história do Império português

revela a crescente subalternização de Portugal aos centros do poder e a sua transformação em uma nação de emigrantes.

No contexto dessa história, Brasil e Portugal, ambos posicionados como países semiperiféricos na economia global, interligam-se por relações ambivalentes e contraditórias marcadas pela inversão do pacto colonial (Novais e Mota, 1996), pela ambígua Independência do Brasil, pela longa história de imigração portuguesa no Brasil e constante reafirmação de elos de descendência, de cultura e de línguas partilhadas. No entanto, novas inversões começaram a ocorrer desde meados de 1980. De um lado, o Brasil — eminentemente uma nação de imigrantes, que do século XIX até a década de 1950 se constituiu no maior receptor de imigrantes portugueses — tornou-se também país de emigração. Comparativamente, após a descolonização e a integração plena no espaço comum europeu, Portugal — com dupla história de Império colonial e exportador de mão de obra mundo afora — transformou-se também em país de imigração — e, até o ano 2000, receptor principalmente de populações originárias do Brasil e, em maior proporção, das novas nações de expressão oficial portuguesa na África. Se desde finais da década de 1990 novos imigrantes da Europa do Leste, da América Latina e de vários países da África começaram a se radicar em cidades portuguesas, houve neste terceiro milênio um progressivo aumento no número de brasileiros a desembarcarem em terras lusas, que constituem hoje o maior contingente de imigrantes em Portugal. Ao mesmo tempo, o Brasil se torna, sob a presidência de Lula, uma das lideranças emergentes no cenário mundial.

Nesse cenário histórico, os recorrentes jogos entre semelhanças e diferenças culturais e constantes produções de continuidades imperiais iniciam-se com “Portugueses do Brasil e portugueses no Brasil: laços de irmandade e conflitos identitários em dois atos: 1822 e 1899”, da historiadora Gladys Sabina Ribeiro. Esse ensaio focaliza as tensões e paradoxos que circundam o período da Independência do Brasil e a formação da nação brasileira na passagem da Monarquia para a República. Salientando que o Brasil já atraía contingentes de emigrantes lusos empobrecidos no período colonial, a autora argumenta que a Independência não significou uma ruptura imediata com Portugal, sendo as definições de nacionalidade, mesmo na lei, ambíguas. A partir desse cenário, demonstra que, na medida em que as divergências políticas e os interesses econômicos entre os portugueses de Portugal e os do Brasil sobre o que seria o Império luso-brasileiro se tornaram inviáveis,

discursos de unidade deram lugar às ofensas e estereótipos recíprocos. Ao mesmo tempo, a ideia de “irmandade” começou a ser construída com base em alegadas semelhanças culturais entre colonizador e colonizado. Em contrapartida, no período Pós-Independência diferenciações negativas e estereotipadas entre portugueses e brasileiros foram produzidas, especialmente no contexto de disputas entre portugueses (brancos) e libertos no mercado de trabalho livre. Mas, enquanto durante a Monarquia o componente europeu começou a ser valorizado no “encontro das três raças” estabelecendo novos parâmetros para uma história de descendência em comum, com a promulgação da República, Portugal passou a ser novamente responsabilizado pelos males do Brasil, sendo sua imagem associada ao Império em bancarrota. De fato, como aponta a autora, ao longo do século XIX, houve um processo sutil de recriação do antilusitanismo, que abarcou, de um lado, estereótipos sobre os portugueses divulgados nos jornais, na literatura e nos discursos oficiais e, de outro, vivenciados e criados pelas camadas populares na sua difícil vida cotidiana. Esses estereótipos, como marcadores de diferenças entre brasileiros e portugueses, bem como os discursos apregoando a irmandade luso-brasileira, serão constantemente acionados e reatualizados em conjunturas históricas diversas.

Desenvolvendo o argumento sobre as reconfigurações de semelhanças e diferenças entre Brasil e Portugal na presente conjuntura do capitalismo global, a partir de pesquisa comparativa sobre as travessias de pessoas, símbolos e capitais entre Brasil e Portugal, examino, em “Brasileiros em Lisboa, portugueses em São Paulo: construções do ‘mesmo’ e do ‘outro’”, as contradições, ambiguidades e acomodações que permeiam a transformação de Portugal de uma metrópole imperial em uma nação pós-colonial europeia, também em dois atos. No primeiro, focaliza os conflitos diplomáticos que eclodiram entre os dois países “irmãos” em inícios de 1993, em torno da deportação de brasileiros considerados “indesejáveis”, logo após Portugal ter aderido ao Tratado de Schengen e suas rígidas leis de controle de entrada e circulação de cidadãos não comunitários no espaço da Comunidade Econômica Europeia, e, no segundo, as disputas e as reconstruções da portugalidade entre as lideranças portuguesas e as luso-brasileiras de São Paulo, no contexto do assim chamado Regresso das Caravelas e de crescentes políticas de objetivação da (alta) cultura portuguesa. De acordo com a minha análise, o primeiro ato revela as tensões e contradições existentes entre o antigo projeto colonial e o novo projeto europeu, no contexto

de mudanças institucionais que, redefinindo a pertença à nação, visaram marcar o fim do Império português e a transformação de Portugal em nação europeia. Essas contradições e tensões incitaram e reacenderam as clivagens existentes entre diferentes ideologias nacionalistas em torno do que deve ser a nação portuguesa. Em última análise, esses embates e suas acomodações, incluindo as mobilizações de transmigrantes do Brasil e dos países de expressão portuguesa da África em torno de um Movimento sem Fronteiras com foco nos migrantes que falam o português, ajudaram a afirmar a predominância de uma ideologia nacionalista conciliatória que enfatiza a incorporação do antigo projeto imperial ao novo projeto de nação europeia. Em contraposição, o segundo ato indica que a presente configuração do nacionalismo português se interliga crescentemente com a política de investimentos e mercantilização da alta cultura portuguesa. Acima de tudo, esses dois atos trazem à tona as reconfigurações do Império português e da mentalidade imperial portuguesa na presente conjuntura do capitalismo global.

Em seguida, quatro textos, todos de autoria de antropólogos, aprofundam diferentes problemáticas e “dramas” abordados pelos dois ensaios iniciais. Assim, Douglas Mansur da Silva, em “O exílio e a memória da “resistência”: antissalazaristas do *Portugal Democrático*”, volta-se à história e examina a formação de um núcleo de exilados antissalazaristas reunidos em torno do jornal *Portugal Democrático*, publicado em São Paulo, entre 1956 e 1975, como um movimento social em oposição ao Estado Novo em Portugal. De acordo com sua análise, esse núcleo sempre se singularizou por sua “política de diferenças”. Desse posicionamento, durante a ditadura salazarista, invariavelmente questionou as narrativas do Império colonial e rebateu os discursos de “semelhança” entre Brasil e Portugal, especialmente as ideologias do “lusotropicalismo” e da “irmandade” como características do “espaço português”. Membros remanescentes desse núcleo continuam, na atualidade, a se posicionar criticamente diante das recentes políticas do Estado-nação português no que tange à sua subordinação à União Europeia e à atuação na Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, a CPLP.

Por sua vez, em “Afirmar Portugal em São Paulo: identidade, história e política num enredo luso-brasileiro”, Eduardo Caetano da Silva focaliza as disputas políticas e reconfigurações de identidades entre portugueses e lusodescendentes de São Paulo na década de 1990. Com o objetivo de

desvendar os modos pelos quais, a partir de diferentes posicionamentos sociais, são produzidos, imputados, apropriados e contestados discursos identitários acerca do “ser português” no Brasil, primeiramente, apresenta um panorama das principais clivagens políticas entre as lideranças associativas de São Paulo, expondo a permanência de uma oposição entre os (ainda hoje acusados de) salazaristas e os antissalazaristas, bem como o acirramento de conflitos geracionais. Alinhando-se à ideia de que as construções e reconfigurações identitárias só podem ser entendidas voltando-se para o contexto dos processos sociais e negociações políticas das quais emergem, o autor procura demonstrar como os discursos e as práticas identitárias dos portugueses de São Paulo são situacionalmente concebidas e se movimentam de modo pendular entre dois extremos: a ênfase na semelhança ou indiferenciação e o destaque da especificidade e diferença em relação aos brasileiros. Problematizando os discursos políticos da “invisibilidade”, da “irmandade”, da “diáspora” e da “luso-brasilidade”, o capítulo procura revelar as lógicas que norteiam tanto os processos de produção da alteridade e diferença (enquanto marcas da identificação étnica), quanto da diluição de fronteiras e evocação de laços (afetivos, de sangue, culturais, históricos, econômicos, religiosos etc.). Enfim, procura decifrar as relações entre as políticas (estatais e associativas) de inclusão/exclusão e as construções do “mesmo” e do “outro”.

Do outro lado do Atlântico, Gustavo Adolfo Pedrosa Daltro Santos se confrontou, na ex-metrópole imperial, com os encontros, alianças e desencontros de associações de imigrantes de brasileiros e dos originários dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Palop) em prol de seus direitos em Portugal, num período em que a maioria de transmigrantes era ainda formada por seus antigos sujeitos coloniais. Dessa localização, analisa em detalhe, em “A construção da lusofonia no Portugal pós-colonial: estratégias das associações de imigrantes de Lisboa”, o processo de negociação entre lideranças imigrantes, Estado português e partidos políticos em torno de questões relacionadas à imigração, em face da submissão do governo português às normas comunitárias europeias e especialmente da legislação restritiva à imigração promulgada pelo Tratado de Schengen. Focalizando os discursos e práticas articuladas em meio às disputas políticas que ocorreram na década de 1990, descortina como as ideologias nacionalistas vigentes durante o colonialismo tardio — baseadas no luso-tropicalismo de Gilberto Freyre e na vocação Atlântica portuguesa — fo-